

TEMPORADA OSESP 2020
CONCERTO SINFÔNICO

MOZART

Sinfonia nº 36 – Linz

Em 1783, casado havia pouco mais de um ano, Wolfgang viajou à sua cidade natal para apresentar a esposa ao pai e à irmã. Ainda que Leopold não tenha ficado propriamente encantado com a nora, as circunstâncias dessa volta eram bem mais alegres. Retornando de Salzburgo para Viena, onde então tinham sua residência, Mozart e Constanze fizeram uma parada em Linz. Lá, o conde Johann Joseph Anton resolveu organizar um concerto para aproveitar a presença do compositor na cidade. Mozart, que, segundo seus próprios relatos, não dispunha consigo de qualquer manuscrito de sinfonia, escreveu a obra e a ensaiou para a apresentação em tempo recorde: quatro miseráveis dias.

[...] a *Sinfonia Linz*, composta a toque de caixa, não revela qualquer sinal de pressa ou descuido. Ao contrário, é considerada uma obra magistral, de acabamento sofisticado e desenvolvimento complexo. Sua estrutura remete ao barroco em muitos aspectos: o movimento “Andante”, um siciliano, tão típico das sonatas barrocas, encanta o ouvido. O trio delicado, que utiliza apenas oboé, fagote e cordas, cria um efeito bucólico, com um jeito “antigo”. É mesmo o primeiro movimento, apoiado em tímpanos e trompetes, lembra uma abertura francesa barroca, com seu ritmo pontuado característico. O estilo de composição também evoca Haydn, que exerceu grande influência sobre o autor.

Muitas qualidades contribuem para a perfeição dessa obra: a estrutura equilibrada e o uso sagaz de cromatismos; as modulações sutis; a energia constante que perpassa todos os seus movimentos, mesmo em seus trechos mais líricos, engajando a atenção do ouvinte; e, principalmente, os tratamentos temáticos surpreendentes, que sublinham não apenas ideias marcantes e monumentais, mas também, habilmente, temas secundários, que passariam despercebidos nas mãos de qualquer outro compositor. É como se, no meio de uma peça teatral, um facho de luz deixasse de iluminar a diva para subitamente se voltar para um rosto qualquer na multidão, revelando uma beleza de tirar o fôlego.

TEXTOS PUBLICADOS NA REVISTA OSESP DE AGOSTO/SETEMBRO DE 2014

Laura Ronái
É doutora em música, responsável pela cadeira de flauta transversal na Unifesp e professora no programa de pós-graduação em música. É também diretora da Orquestra Barroca da Unifesp.

RIPPER

Cartas Portuguesas

Foi em 2016 quando pela primeira vez ouvi falar nas “Cartas Portuguesas”. Encontrava-me na cidade portuguesa de Serpa para acompanhar a montagem de minha ópera “Onheama”, produzida pela Teatro Nacional de São Carlos de Lisboa para o Festival Terras Sem Sombra. José António Falcão, Diretor do FTSS e especialista no patrimônio artístico e cultural do Alentejo, recomendou-me que visitasse o famoso Convento de N. S.ª da Conceição, no município de Beja, que ficava a pouca distância dali. Falou-me de Sória Mariana Alcoforado (1640-1723), sua moradora mais famosa, que deixou registrada em cinco cartas a ardente paixão pelo oficial francês Noël de Chamilly. Suas linhas acabaram publicadas em Paris no ano de 1669, sem autorização da remetente, sob o título “Lettres d’amour d’une religieuse Portugaise écrites au Chevalier de C. - Officier Francois en Portugal”.

A ideia de escrever uma ópera sobre o tema ficou em gestação por dois anos, até quando Arthur Nestrovski encomendou-me uma obra para a temporada 2020 do projeto SP-LX, que reúne a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e a Orquestra da Fundação Gulbenkian de Lisboa. Não chegaram a passar dez segundos entre o convite, minha proposta de escrever “Cartas Portuguesas” e sua entusiasmada concordância. Conhecia a competência e paixão com que Arthur Nestrovski transita pela música e literatura, mas não imaginava que ele havia sido o editor de “Cartas Portuguesas” na Coleção Lazuli, da Imago Editora, com retroversão de Marilene Felinto. Tudo conspirava a favor de Mariana Alcoforado.

Ao começar a escrever o libreto, logo notei que o caráter quase monotemático das cartas tornaria difícil o desenvolvimento do drama. Decidi, então, ampliar o foco, situando Mariana em sua vida convencional, dentro do contexto histórico e religioso da época. Introduzi outros textos e outras músicas como elementos de contraste às cartas para provocar no enredo o jogo de “chiaroscuro” tão caro ao Barroco: o rito latino da Liturgia das Horas, um trecho de “Cântico dos cânticos” e o gregoriano “Veni Sancte Spiritus”. Devo à especialista em literatura portuguesa Maria Silva Prado Lessa a descoberta do lindo poema “Leonor”, de Rodrigues Lobo (1580-1620), usado na ória em que Mariana recorda a infância.

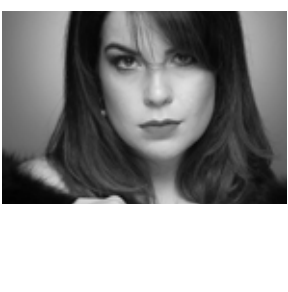
Ao compor a música, lancei mão de diferentes linguagens harmônicas para conseguir a expressão dramática desejada, tendo sempre como norte a adequação do texto à prosódia, o contorno melódico e a tipologia vocal da solista. Estruturei a sucessão de recitativos e árias para que ocorressem sem interrupção, num fluxo musical contínuo que Wagner chamou de “a arte da transição”. Além de acompanhar a solista, a orquestra executa interlúdios instrumentais que retratam os sentimentos conflitantes da personagem e evocam a ambiência sonora do Convento de Beja.

Agradeço imensamente a Arthur Nestrovski a oportunidade de criar “Cartas Portuguesas” para Oseps e Fundação Gulbenkian. A obra proporcionou-me também o privilégio de trabalhar com artistas maravilhosos como a soprano Camila Titingher, o diretor cênico Jorge Takla, o maestro Roberto Tibiricá, as sopranos Raquel Paulin, Érika Muniz e Luisa Willert que formam o coro feminino, o cenógrafo Nicolas Boni, o figurinista Fabio Namatame, o diretor de movimento Anselmo Zolla, além dos músicos excepcionais da orquestra e toda a equipe da Oseps.

Concluo tomando por empréstimo uma observação que Jorge Takla fez logo em nosso primeiro ensaio. “Cartas Portuguesas” é uma ópera sobre a clausura. Coincidentemente, a estreia acontece no momento de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, em que temos de conviver sozinhos com emoções e dramas dentro das quatro paredes de nossa alma.

JOÃO GUILHERME RIPPER
É compositor, diretor da Sala Cecília Meireles, presidente da Academia Brasileira de Música e professor associado da UFRJ.

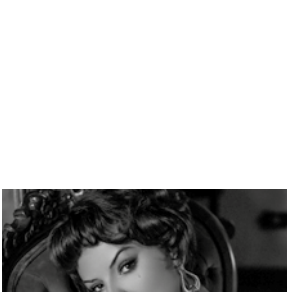
¹ Originário de uma dança da Sicília, o siciliano é utilizado como movimento de sonata ou concerto, evocando um clima pastoral. Escrito em compasso 6/8 (ou, menos frequentemente, em 12/8), com andamento tranquilo, é caracterizado por melodias líricas e ritmo pontuado (colcheia pontuada – semicolcheia – colcheia).



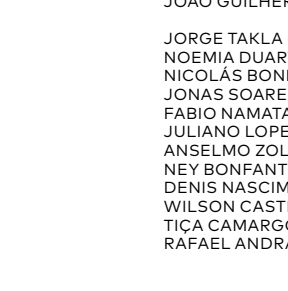
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Oseps. A partir deste ano, Thierry Fischer é Diretor Musical e Regente Titular, tendo sido precedido por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra, de 2012 a 2019, e Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2016, realizou turnê pela China e Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada ineditamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista *Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



ROBERTO TIBIRICÁ REGENTE
ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM AGOSTO DE 2019
Foi Regente Assistente no Teatro Nacional de São Carlos (Lisboa), Diretor Artístico e Regente Titular das Orquestras Sinfônica Brasileira e Petrobras Prô-Música, além de Diretor Artístico da Sinfônica de Heliópolis. É Membro da Academia Brasileira de Música e Membro Honorário da Academia Nacional de Música. Em 2010 e 2011 recebeu o Prêmio Carlos Gomes como Melhor Regente Sinfônico.



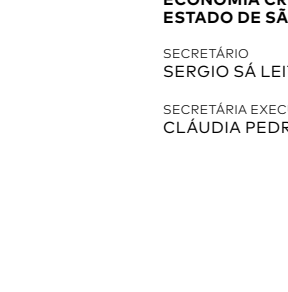
CAMILA TITINGER SOPRANO
ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM DEZEMBRO DE 2019
A soprano italo-brasileira vem se destacando na Europa e no Brasil atua nas mais importantes salas de concerto e ópera. Debutou Donna Anna (*Don Giovanni*, de Verdi) no Garsington Opera e Théâtre des Champs-Élysées, além de cantar no Teatro Real de Madrid, no Teatro Solis de Montevideo, com a Sinfônica de Viena e com a Oseps. Desde 2018, apresenta-se com Plácido Domingo em cidades como Liubliana, Estrasburgo e Boston. Foi premiada dos Concursos Neue Stimmen, Paris Opera, Belvedere e em 2019 representou o Brasil no BBC Cardiff Singer of the World.



JORGE TAKLA DIREÇÃO CÊNICA
ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM JUNHO DE 2014
Encenou mais de 100 espetáculos de ópera, teatro e teatro musical, entre eles *Rigoletto*, *Tosca*, *Don Quichotte*, *The Rake's Progress*, *Candide*, *La Traviata*, *La Bohème*, *Madama Butterfly*, *Il Tabarro*, *As Bodas de Figaro*, *Cavalleria Rusticana*, *Il Pagliacci*, *Os Contos de Hoffmann*, *A Viúva Alegre*, *My Fair Lady*, *Vermelho, Evita*, *Jesus Cristo Superstar*, *O Rei e Eu*, *West Side Story*, *Mademoiselle Chanel*, *Vitor ou Vitória*, *Electra* e *Cabaret*. Takla é Grande Oficial da Ordem do Ipiranga.



ÉRIKA MUNIZ SOPRANO
ÚLTIMA VEZ COMO SOLISTA EM SETEMBRO DE 2019
Soprano no Coro da Oseps desde 2008, destacou-se como solista em obras como a ópera *Porgy and Bess*, de Gershwin, o *Réquiem* de Mozart, o *Réquiem* de Brahms e a *Missa Brevis*, de J. S. Bach. Atuou sob a regência de maestros como Luís Gustavo Petri, Claudia Feres, Ragnar Böhlin e Marin Alsop, a frente de orquestras como a Petrobras Sinfônica, a Sinfônica de Heliópolis, a Municipal de Jundiá, a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo e a Oseps.



LUIZA WILLERT SOPRANO
PRIMEIRA VEZ COM A OSESP
Itaijense nascida em 1999, começou no canto aos 14 anos. Em 2019, iniciou seus estudos com Paulo Mandarino e foi aceita na Ópera Studio do Teatro Municipal de São Paulo. Nesse ano, também cantou duas óperas: *A Flauta Mágica*, no papel de Primeira Dama, e *Bastiana & Bastião* como a protagonista Bastiana, ambas de Mozart. Com apenas 20 anos, é vencedora do prêmio “Melhor Soprano” do 18º Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas.



RAQUEL PAULIN SOPRANO
PRIMEIRA VEZ COM A OSESP
Premiada pelo 18º Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas, a soprano trabalhou por dez anos no ramo de teatro musical e iniciou sua carreira operística como acadêmica do Teatro São Paulo. Formada em Canto Lírico pela Escola Municipal de Música de São Paulo, foi convidada a participar de concursos e festivais na Itália, como o Sarzana Opera Festival. Integrou o elenco do espetáculo *O Fantasma da Ópera* como substituta da personagem Christine Daaé e esteve em turnê com o espetáculo *Masterclass*.

MONODRAMA *Cartas Portuguesas*
JOÃO GUILHERME RIPPER

JORGE TAKLA DIREÇÃO CÊNICA
NOEMIA DUARTE PRODUÇÃO EXECUTIVA
NICOLAS BONI CENOGRAFIA
JONAS SOARES ASSISTENTE DE CENOGRAFIA
FABIO NAMATAME FIGURINOS
JULIANO LOPES ASSISTENTE DE FIGURINOS
ANSELMO ZOLLA DIREÇÃO DE MOVIMENTO
NEY BONFANTE ILLUMINAÇÃO
DENIS NASCIMENTO CENOTÉCNICO
WILSON CASTRO ADECRESTAS
TÍCIA CAMARCO VISAGISMO
RAFAEL ANDRADE MAESTRO PREPARADOR

VÍOLINS
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
GALINA RAKHIMOVA
SARAH PIRES
SIMON GRINBERG

VÍOLONCELOS
RODRIGO ANDRADE
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIALBI TRISOLLO
REGINA VASCONCELOS

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
MAX EBERT FILHO
ALMIR AMARANTE
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
FABIOLA ALVES PICCOLO
SÁVIA ARAÚJO

OBOÉ
ARCAÍDIO MINCZUK
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARINE

FAGOTES
JOSE ARION LÓRANZ
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
JOSÉ COSTA FILHO
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
MARCELO MATOS

TROMBONES
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TÍMPANOS
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1º PERCUSSÃO
RUBEN ZUNIGA

(*) CARGO INTERINO
OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR
CATEGORIA, INFORMAÇÕES
SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO
SÉRGIO SA LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLAUDIA PEDROZO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
WESFANO BRIDELLI

CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO
CELIA PARNES
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JAYME GARFINKEL
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER
MÔNICA WALDOVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
PÉRSIO ARIDA
SÉRGIO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA